

Kandir ainda vê luz no fim do túnel

■ E Conceição e Delfim se unem no ceticismo

O deputado e economista Antônio Kandir (PSDB—SP) é uma exceção entre os economistas do Congresso. Ele acha que os juros não podem cair mais aceleradamente porque as reformas constitucionais que abrem caminho para melhoria fiscal “estão lentas”. “Ai, há uma distribuição de responsabilidades, diz ele: “O Congresso não toma iniciativa, o governo não faz um mapeamento político no Congresso para apressar as votações e a sociedade não pressiona seus representantes”.

Luiz Paulo Rozenberg diz que, sem as reformas, o governo não consegue manter um equilíbrio fiscal de forma sustentada e nem segurar o câmbio. Mas, ao contrário de Kandir, atribui a responsabilidade do atraso a Fernando Henrique. “O presidente conseguia passar emenda constitucional com a mesma facilidade que outros governos aprovavam

projeto de lei. O rolo compressor se esfarelou e agora há dúvidas se vai conseguir tocar. Assusta”, afirma.

O governo criou a idéia de que sem as reformas o plano será um retumbante fracasso. Se elas não andam a contento, instala-se o pessimismo, alega Mailson. Um sentimento que não representa o desastre. É bom que fique claro que o plano ainda tem vida longa. Não há risco de a inflação recrudescer. O que há é a perspectiva de que o país terá crescimento medíocre, uns 2% este ano, insuficiente para aplacar a demanda por emprego.

A deputada Conceição Tavares, que é ansiosa por natureza e aflita com os erros que vê, resume: “O pessimismo é latente. Desde que começou a crise agrícola, seguida da crise bancária e na indústria, a direita começou a ficar inquieta. O desemprego pressiona a população, a classe média está comprimida. O país não cresce, as contas externas estão arrombadas e Fernando Henrique já usou o tempo que tinha para que intelec-

tuais, economistas e jornalistas o suportassem”.

Conceição Tavares engorda a lista de problemas não resolvidos: “A dívida pública é crescente, vai ter déficit comercial este ano, o custo de carregamento das reservas cambiais é infernal. Todos sabem que o problema vem do câmbio e agora não dá mais para dizer que só a Maria da Conceição e o Delfim é que criticam”. Além do mais, prossegue a deputada, “o Banco do Brasil está falido e o Banco Central tem seu presidente demissionário há meses. Nenhum país do mundo agüenta uma autoridade monetária fraca”, conclui.

Outra faceta do baixo astral, segundo Pastore, é que Fernando Henrique “está mais para Felipe Gonzalez (ex-primeiro ministro da Espanha, socialista) do que para Margareth Thatcher (ex-primeira ministra britânica, conservadora e privatista). Não decide nada”. Rozenberg concorda com Pastore e diz que “ministro falar mal de ministro e Casa Civil esva-

ziada dão sensação de insegurança.

Pastore critica também o imobilismo. “Por que, enquanto as reformas estruturais não vêm, o governo não privatiza as teles, a Vale do Rio Doce?”. Ele diz que saiu do encontro com o presidente “com sono”. E ficou preocupado com o que ouviu: “Não consegui dormir. Acho que o custo da estabilização está maior do que o necessário e que a política econômica tem cheiro e gosto de Gustavo Franco e Francisco Lopes (diretor do BC)”. Rozenberg não saiu preocupado com a estabilização. “Tenho confiança no Plano Real, a minha preocupação é com os empresários e trabalhadores do país. O prazo do plano depende de quanto tempo e qual o tamanho da recessão que a sociedade suporta”, afirma Rozenberg.

E, mesmo discordando no diagnóstico, todos os principais economistas têm uma avaliação em comum: há pessimismo generalizado na sociedade e é preciso que o governo faça alguma coisa.